

# **A importância da pulsão para a análise do corpo nas homossexualidades**

The importance of the drive for the bodies  
analysis in the homosexualities

**Augusto César Francisco**

*Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da  
Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara  
Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
[acfrancisco@daad-alumni.de](mailto:acfrancisco@daad-alumni.de)*

5

## Resumo

Partindo da reconstrução do conceito *pulsão sexual*, este artigo introduz a *pulsão homossexual como derivação da categoria de pulsão social*. Com uma referência centrada em Sigmund Freud, reconstruímos o percurso da pulsão sexual na trajetória dos pensamentos pré-freudiano, freudiano e pós-freudiano, nos moldes dos paradigmas funcionalista-organicista, estruturalista e pós-estruturalista. Tais pensamentos fundamentaram vertentes teóricas como a *psicanálise do isso*, a *psicologia do eu*, a *psicologia do self*, a *psicanálise (estruturalista) do isso* e a *socioantropologia do sobre-eu*. Com uma perspectiva de *construcionismo crítico*, é possível construir um conceito de pulsão homossexual como derivação da categoria de pulsão social. Esta, analisando a repetição simbólica na formação de subjetividades, é importante para as pesquisas que têm como sujeitos/objetos os corpos nas homossexualidades.

Palavras-chave: Pulsão social (homossexual). Paradigmas. Pensamento freudiano.

## Abstract

Starting from *sexual drive* reconstruction, this article qualifies *homosexual drive* as a derivation of *social drive category*. With a reference grounded on Sigmund Freud, the sexual drive path was reconstructed towards Pre-Freudian, Freudian and Post-Freudian thinking, grounded on post-structuralist, structuralist and functionalist-organicist paradigms. Such thoughts underlay theoretical threads, such as *It Psychoanalysis*, *Ego Psychology*, *Self Psychology*, *Structuralist It Psychoanalysis* and *Over-I Socio-Anthropology*. With a *critical constructionism* perspective, it is possible to build a homosexual drive as a derivation of social drive category. Analyzing the symbolical repetition on subjectivities formation, the social drive is important for researches focused on bodies at the homosexualities.

Keywords: Social (homosexual) drive. Paradigms. Freudian thinking.

## Introdução<sup>1</sup>

O objetivo deste artigo é reconstruir sucintamente o conceito de *pulsão sexual* para introduzir o que hoje é possível de designar como uma *pulsão homossexual* graças à construção teórica e à constatação empírica de que se trata de uma *categoria de pulsão social*. Esta é uma categoria atual, síntese de um esforço histórico para precisar cientificamente o que é mais fundamentalmente humano nas sociedades e culturas. Significa que os corpos e as subjetividades emergem não de um organismo ou de uma estrutura a-histórica imanente no ser humano, mas de uma repetição simbólica advinda socialmente que traz à tona o mais, o menos e o não humano (BUTLER, 1993).

Veremos no decorrer deste artigo que a “pulsão” percorreu uma trajetória nos pensamentos pré-freudiano (até 1900), freudiano (entre 1900 e 1940) e pós-freudiano (de 1940 em diante), nos moldes dos paradigmas funcionalista-organicista (até 1950), estruturalista (de 1950 em diante) e pós-estruturalista (a partir de 1970). Tais pensamentos constituíram ou constituem vertentes teóricas como a psicanálise do isso (entre 1900 e 1940), a psicologia do eu (entre 1960 e 1970), a psicologia do self (entre 1970 e 1980), a psicanálise (estruturalista) do isso (de 1960 em diante) e a socioantropologia do sobre-eu (de 1990 em diante)<sup>2</sup>. Essa reconstrução serve como um aporte teórico para aqueles que necessitem de uma discussão introdutória da psicanálise para as suas pesquisas e/ou como um aporte metodológico para a análise do corpo nas homossexualidades.

Referindo-se à pulsão sexual relacionada à dominação masculina sobre as mulheres, Rich (2010, p. 32) afirma que estas “[...] aprendem a aceitar como natural a inevitabilidade dessa 'pulsão' porque elas a recebem como um dogma”. Isso ocorre porque o adjetivo “sexual” é apenas uma abreviação da “heterossexualidade compulsória”, isto é, num sentido crítico, a sexualidade é hegemonicamente a heterossexualidade. Dessa maneira, afirmar uma pulsão homossexual significa uma cautela metodológica com as pressuposições agregadas ao sentido “heterossexual” do sexual. Além disso, soma-se à cautela uma perspectiva socioantropológica da pulsão, que a compreende como um efeito social, sem pressuposições orgânicas e/ou estruturais.

Tal dimensão situa-se no debate do que se convencionou chamar atualmente de pós-estruturalismo, ou paradigma pós-estrutural, fazendo

---

<sup>1</sup> Sou grato a Jackson Bezerra, Diogo Ramos de Oliveira e Iã Paulo Ribeiro, por contribuições a este artigo.

<sup>2</sup> Os períodos mencionados não são exatos, mas apenas didáticos.

menção à ideia de Thomas Kuhn (1975) de que o paradigma “estabelece o consenso acerca dos fundamentos que devem nortear a prática de pesquisa” (MENDONÇA; VIDEIRA, 2007, p. 171). Neste artigo, a categoria também está situada no que se denomina *construcionismo crítico* pelas ciências sociais atuais, que é, de acordo com Sousa Filho (2007a, p. 30), a “teoria da realidade social que tem como postulado fundamental a afirmação radical segundo a qual *tudo é construído*”. Assim, discute-se, primeiramente, a categoria de pulsão sexual para, em seguida, mais no final do artigo, discutir a pulsão homossexual, que é uma *pulsão social* advinda da repetição externa.

Não há dúvidas de que o marco teórico da categoria de pulsão sexual é o pensamento do fundador da psicanálise Sigmund Freud (1856-1939). Não obstante, o termo “pulsão” já existia num pensamento pré-freudiano e se desdobrou a partir dos pensamentos freudiano e pós-freudiano. Antes de Freud, ela já fazia parte do vocabulário alemão; com o autor, ocupou um lugar teórico, metodológico e psicoterapêutico, nos moldes do paradigma funcionalista-organicista aplicado à psicanálise. Após os ensinamentos de Freud, a categoria ergueu-se na vertente anglo-saxã com base no mesmo paradigma e de acordo com uma certa tradição empirista. Mas, posteriormente, desviou a trajetória para o paradigma estruturalista, de Jacques Lacan (1901-1981), e extrapolou ultimamente a psicanálise para um debate filosófico, de Judith Butler (1956-), segundo o paradigma pós-estruturalista.

A preocupação deste artigo, de entender as possibilidades e limites do conceito de pulsão social para a análise do corpo em gays, lésbicas e transexuais ou *transgenders*, decorre da constatação inegável de que há uma luta no campo psicanalítico pela legitimidade de três paradigmas, conforme a classificação que se faça da pulsão: o funcionalismo-organicismo, o estruturalismo e o pós-estruturalismo. Bourdieu (2005, p. 115) é nossa referência, com a ideia de que

a ciência que pretende propor os critérios mais bem alicerçados na realidade não deve esquecer que se limita a registrar um *estado* da luta das classificações, quer dizer, um estado da relação de forças materiais ou simbólicas entre os que têm interesse num ou noutro modo de classificação e que, com ela, invocam frequentemente a autoridade científica para fundamentarem na realidade e na razão a divisão arbitrária que querem impor.

Para demarcar essas classificações da pulsão, disputadas principalmente pelas vertentes pós-freudianas da *psicanálise do isso* funcionalista-organicista e da estruturalista, introduzimos uma terceira

possibilidade teórica. A psicanalista brasileira Patrícia Porchat Knudsen – que é tributária do pós-estruturalismo butleriano –, entrevistando Butler, afirma que “a própria pulsão poderia ser compreendida como socialmente construída” (KNUDSEN, 2010, p. 165-166). Desse modo, o que está em questão na pulsão não é mais a “sexualidade” orgânica e/ou estrutural, mas a sexualidade que é uma construção social.

A categoria de pulsão social é importante para a análise do corpo da seguinte maneira: uma pulsão interpela o que vem a ser um corpo pelo processo de reiteração de atos de linguagem que coagem aquele “ser” a identificar-se nas relações de poder que o constroem. É um processo de materialização do mundo simbólico na emergência da identidade, de acordo com o que lhe é ontologicamente confortável em termos sociais e, ao mesmo tempo, com o que lhe é abjeto, isto é, com o que nega aquela identidade.

Na modalidade de pulsão (social) homossexual, a interpelação subjetiva da homossexualidade masculina e/ou feminina é, assim, materializada no mundo simbólico, fazendo emergir corpos de desejos e práticas homossexuais, ou seja, construindo socialmente a homossexualidade dos corpos de gays e lésbicas. Essa modalidade é pensada também, analogicamente, com outras variáveis simbólicas, por exemplo, na emergência de identidades transexuais, transgêneros, travestis, assim como daquelas que ainda não são nomeadas, as dissidentes.

### **Breve incursão na categoria de pulsão sexual**

Joan Scott inicia o seu artigo clássico sobre a categoria de gênero com a ideia de que não é possível manter o termo (gênero) preso a um sentido codificado (SCOTT, 1986, p. 1053); o sentido da categoria é histórico e a tentativa de atribuir-lhe a codificação não o detém enquanto produto da invenção humana. Aplicamos esse posicionamento inicial da autora a respeito do gênero à categoria hegemônica de pulsão sexual (isto é, aquela que se apoia na heterossexualidade) e à categoria dissidente de pulsão homossexual, que são históricas, ou seja, trata-se de pulsões sociais. Dessa maneira, utiliza-se aqui, de antemão, o cuidado de evitar codificar a categoria, seja em seu paradigma funcionalista-organicista, seja no estruturalista ou, ainda, no pós-estruturalista.

Talvez o sentido mais conhecido da pulsão sexual seja o de que é uma força sexual interna que desabrocha de dentro do corpo em direção ao mundo externo, enfrentando obstáculos de recalçamento cultural e de interdição

social. Nesse entendimento, se a força é interna, ela não pode ser outra senão orgânica e/ou biológica. Quase sempre esse sentido está ligado à crença de que o irrompimento da pulsão é implacável e ultrapassa qualquer barreira. Há ainda de se acrescentar, nesse sentido comum da pulsão, a presença de representantes e de fantasias que a representam (por exemplo: ideias sexuais). Um sentido um pouco menos conhecido, mas não menos importante, é o de que a pulsão é forçada simbolicamente por uma falta real. Por sempre haver o que faltar, sempre há uma força que incide estruturalmente com o simbólico. Nesse sentido mais contemporâneo, o que movimenta a pulsão é a busca por algo que sempre será faltoso.

No decorrer do século XX, a pulsão foi a categoria responsável por revisar, de uma forma inovadora – graças à psicanálise –, velhas questões canônicas a respeito da sexualidade. O que se falava sobre ela antes da inauguração da psicanálise foi compreendido genericamente como uma certa relação sexual rígida entre o homem e a mulher adultos, fundamentada pela necessidade hereditária de reprodução. Com a psicanálise, essa relação foi repensada por meio do acréscimo da noção de “objeto” das pulsões, que foram teorizadas, então, como plásticas e móveis em relação aos seus “objetos”. Estes eram as pessoas investidas por pulsões sexuais, podendo ser do mesmo sexo do sujeito, ou seja, homossexuais. Em tese, não havia nada mais na pulsão sexual que normatizasse a sua relação com os objetos; os quais podiam ser variáveis sem prejuízos ou patologias para as pessoas.

Recentemente, a partir do final do século XX, com raízes em Michel Foucault (1926-1984), foi possível reavaliar a teoria das pulsões sexuais que se baseava no funcionalismo-organicismo e/ou no estruturalismo. Foucault (1988) desenvolveu uma análise que criticou as ciências que utilizavam a teorização da sexualidade. Freud entendia, sumariamente, a pulsão sexual segundo a função psíquica de energias orgânicas que se faziam representar. Lacan, por sua vez, pensou-a como algo que se comparava a uma falta estrutural.

No funcionalismo-organicismo, as pulsões sexuais se baseavam nas relações clássicas entre *natureza* e *cultura* e entre *indivíduo* e *sociedade*, segundo a lógica de autonomizar a sexualidade. Freud objetivava ceder independência teórica e institucional a esta. Com a sexualidade já autonomizada no campo teórico, e com a instituição da psicanálise já consolidada, o estruturalismo pôde dar uma forma “real” às pulsões, com uma nova relação entre *natureza* e *cultura* e entre *indivíduo* e *sociedade*. O objetivo de Lacan foi “estruturar”, sob a primazia da noção de “real”, o pensamento organicista de Freud.

No primeiro período, a pulsão sexual se autonomizava, mas partia da natureza e atingia a cultura. No segundo, ela já era autônoma e também “cultura”, apesar de esta ser de uma natureza essencial (estrutural). Em Freud, o indivíduo sofre porque a sociedade interdita; em Lacan, o indivíduo será sempre socialmente insatisfeito. Em ambos, a pulsão é de natureza essencial, da sexualidade, relativamente independente da sociedade e da cultura.

Atualmente, o que se espera da teoria das pulsões é uma mudança de paradigma que alcance não apenas o sexual hegemônico e o homossexual, mas também o social. Com o advento do pós-estruturalismo butleriano, as relações entre *natureza* e *cultura* e entre *indivíduo* e *sociedade*, fundamentadas anteriormente pelo funcionalismo-organicismo e pelo estruturalismo, mudaram consideravelmente. Essas mudanças foram viabilizadas por meio de um pensamento que releu criticamente os fenômenos funcionais ou orgânicos, como também os estruturais. Estes são, agora, dimensionados como construções sociais que podem ser analisadas sob uma perspectiva política de rompimento com os essencialismos, como observa Sousa Filho (2007a) em seu artigo *Por uma teoria construcionista crítica*; assim, a sexualidade não é mais algo daquela natureza.

Nos estudos de gêneros e de sexualidades, há uma desconstrução da relação entre *natureza* e *cultura*, assim como entre *indivíduo* e *sociedade* (SCAVONE, 2008, p. 175), sendo efetuada pelo construcionismo crítico, na medida em que a natureza humana é sempre algo interpretado segundo construções culturais (SOUSA FILHO, 2007a). Aqui, há uma dívida com Clifford Geertz (1989) no que se refere à interpretação cultural. Somado a isso, elencamos a contribuição de Norbert Elias (1994). Assim, de acordo com a aplicação da crítica construcionista, tanto a base natural da pulsão (para o funcionalismo-organicismo), que se representava na cultura, quanto a sua base real (para o estruturalismo), que se representava no simbólico, são revistas segundo um modelo que pensa o natural e o real, a cultura e o simbólico como construídos. E, por sua vez, o indivíduo e a sociedade como mutuamente dependentes.

Nesse sentido, não é mais possível ignorar o fato de que processos culturais e sociais construíram e constroem a *heterossexualidade* conceituada pela própria categoria de pulsão sexual das psicanálises freudiana e pós-freudiana (incluindo Lacan). Se a categoria analisou a sexualidade, sucedeu desta. É, portanto, histórica, fazendo uso do mesmo cuidado que Scott reserva à categoria de “gênero”. Por mais que a pulsão, durante sua história, tenha sido uma categoria de análise do sexual do corpo, não existe mais uma justificativa

teórica, sustentando-se em evidências, que não seja o processo social e cultural de construir a sexualidade – por extensão, de construir a homossexualidade. O que se afirma aqui não é apenas uma construção teórica e uma constatação empírica aceita consensualmente no debate que se pode acompanhar, entre outros exemplos, em periódicos como a revista *Bagoas*. É também um posicionamento político defendido na prática (SOUSA FILHO, 2007b).

Logo, a categoria de pulsão sexual foi elaborada de uma derivação sociocultural escondida pelo objetivo teórico e institucional da psicanálise de autonomizar a sexualidade e, com efeito, autonomizar também a própria homossexualidade. A crítica psicanalítica se centrou na primazia da sexualidade frente à natureza orgânica (apesar de fundamentar-se nesta, em última instância), mas acabou permanecendo também na primazia frente à sociedade e à cultura. Mesmo no paradigma estrutural, que parece estabelecer uma distinção nítida em relação à natureza e à cultura, a sexualidade aprofundou tal primazia.

Essa autonomização não é ingênua, senão posicionada num certo campo de essencialismo heterossexual, pois cristaliza o processo sociocultural que constrói historicamente a sexualidade como heterossexualidade. Os nossos argumentos que sustentam essas afirmações são elucidativos apenas se tomados a partir de uma reconstrução conceitual da categoria *pulsão sexual*, ou o que na contemporaneidade é possível de denominar *pulsão homossexual* graças ao advento da *pulsão social*. Essa reconstrução nos pensamentos pré-freudiano, freudiano e pós-freudiano não é, de modo algum, exaustiva, mas sim importante a título de introdução. O objetivo aqui é estabelecer as bases teóricas da pulsão social, que é construída criticamente para a análise do corpo nas variáveis já mencionadas (homossexualidades, transexualidades etc.).

### **O pensamento pré-freudiano**

Tradicionalmente, considera-se o marco teórico e institucional (psicanalítico) da categoria de pulsão sexual os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, publicados por Freud (1996q) em 1905. Mas não foi inventada por ele. A existência anterior da palavra e o seu sentido comum ou aplicado ao campo científico do final de século XIX refletiram nas suas formulações teóricas. Com precisão, Patrícia Cotti demonstra isso dizendo que quem ilumina “a evolução teórica da definição freudiana do conceito de pulsão (*Trieb*) entre 1894 e 1904” (COTTI, 2008, p. 26). O que se segue sobre a história pré-freudiana do emprego da categoria é baseado nesta autora. Na Alemanha e na



Áustria dessa época, já havia um debate científico sobre a relação entre as pulsões sexuais dos seres humanos e os instintos sexuais dos animais. Embora estivesse ciente desse debate, Freud hesitou durante algum tempo em incorporá-lo na inauguração do discurso psicanalítico.

A autora cita inicialmente Goethe, que atribui a Blumenbach uma primeira definição de *Trieb* como “uma força ativa que permite às substâncias orgânicas que continuem consistentes e que se regenerem” (COTTI, 2008, p. 27). Em seguida, reconstrói a discussão sobre a pulsão sexual empreendida pelos cientistas contemporâneos de Freud, que a compreendiam, na década de 1890, segundo a sua localização funcional no organismo do corpo. A pulsão sexual foi encontrada no corpo orgânico e correspondia a uma função. Esse entendimento foi relativamente compartilhado ou discutido por autores como Krafft-Ebing, Flechsig, Moll, Bloch, Hartmann e Meynert. Freud se familiarizava com a discussão desses autores, estando atento ao desenvolvimento teórico proposto por eles.

Em 1894, quando publicou *As psiconeuroses de defesa*, Freud (1996e) não estava convencido do completo fisiologismo da pulsão sexual. As suas experiências clínicas começavam a apontar para a existência da sexualidade infantil, em particular para explicar a origem das patologias psicosexuais, mas a pulsão foi vista naquele momento apenas como um fenômeno adulto e heterossexual. A partir de 1895, fez sentido ao autor a teoria da sedução, pela qual podia explicar as psiconeuroses. A teoria postulava que havia uma cena real de sedução da criança por um adulto e a lembrança dessa cena era traumática. Tornava-se cada vez mais claro que a categoria de pulsão dos seus contemporâneos não se sustentava teoricamente. Contudo, desenvolvendo a teoria da sedução entre 1894 e 1897, ocorreu um problema: uma de suas pacientes neuróticas nunca havia vivenciado uma cena de sedução. Por precaução, até esse momento, Freud usara apenas termos aproximados de pulsão sexual, tais como “forças pulsionais sexuais”, “libido sexual” ou “impulsos sexuais”. Com a contradição da teoria da sedução, ficou claro que o tão procurado fundamento da sexualidade infantil e adulta não se encontrava numa cena real *externa*, mas na fantasia ou na representação *interna*.

Sob essa perspectiva, o pensamento acerca de uma pulsão sexual ocupou, na elaboração teórica de Freud, o lugar perdido pela teoria da sedução, justamente por ser interna. O objeto externo à sexualidade refez-se como interno. A teoria da sedução entendia que uma pessoa real era a chave do problema, mas a derrocada dessa teoria reabilitou a teoria das pulsões, pois estas se referiam às fantasias e representações internas.

Em 1899, com a publicação de *Memórias encobridoras*, Freud (1996g) introduziu a ideia advinda da reflexão do poema de Schiller intitulado *Die Weltweisen*. Nesse poema, há uma referência clara sobre duas forças que movem o mundo, a fome e o amor. Essas duas forças foram consideradas pulsionais por Freud: “São a fome e o amor que movem o mundo” (FREUD, 1996l, p. 121).

Um ano mais tarde, com a publicação de *A interpretação dos sonhos* (FREUD, 1996b, 1996c), a fome e o amor estavam presentes mais uma vez, sem haver a teorização a respeito da “sedução”. A próxima referência ao pensamento sobre a pulsão esteve em *Os chistes e a sua relação com o inconsciente*, de 1905, com a ideia de que o chiste era uma pulsão que forçava as crianças a exercitar as suas habilidades (FREUD, 1996n). Finalmente, a categoria foi empregada sistematicamente nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905 (FREUD, 1996q), encerrando a sua “pré-história” no pensamento freudiano.

Nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, que oficialmente introduziu a pulsão sexual (ou libido) como um conceito principal da teoria freudiana das neuroses, Freud a definiu como a expressão da constituição sexual [...]. Pulsões sexuais foram [no pensamento pré-freudiano] a expressão das tendências sexuais inatas. Após 1905, entretanto, a teoria freudiana da pulsão passou por muitas mudanças, mas as pulsões permaneceram fundamentadas biologicamente e decisivas em seu trabalho (COTTI, 2008, p. 40-41).

A categoria foi elaborada ao longo da história psicanalítica. Gomes (2001) sustenta que houve dois conceitos freudianos de “pulsão” (*Trieb*). O primeiro ocorreu nos *Três ensaios* (FREUD, 1996q) e permaneceu até 1920, quando Freud publicou *Além do princípio do prazer* (1996d), que inaugurou a segunda concepção teórica.

[O primeiro] é mais restrito, ligado à *função sexual* (com todas as suas pulsões sexuais parciais), e outro mais amplo, ligado ao conceito de pulsão de vida [...]. Na primeira teoria, a oposição central é entre pulsões sexuais e [pulsões] do eu, e na segunda, entre pulsões de vida (englobando essas duas categorias) e pulsão de morte [...]. Quanto à relação com o biológico, ambas veem as pulsões como fortemente alicerçadas no nível orgânico da vida (GOMES, 2001, p. 254).

A partir da divisão idealizada pelo autor, vejamos como o pensamento freudiano procedeu com a pulsão. Para a exposição, os dicionários de Roudinesco e Plon (1998) e Laplanche e Pontalis (1998) apresentam – principalmente nos verbetes *Pulsão* e *Libido* de cada trabalho – um material de consulta geral, adotado aqui, a partir de agora, em cada uma das seguintes teorias que sucedem neste artigo: na primeira e na segunda teoria freudiana da *psicanálise do isso*, que são o pensamento freudiano, e nos pensamentos pós-freudianos da *psicologia do eu*, da *psicologia do self* e do retorno da *psicanálise do isso*. Cada uma dessas vertentes será justificada no decorrer do artigo.

### **O pensamento freudiano: primeira teoria da pulsão**

Essa categoria teve por função, logo no início da psicanálise, analisar a sexualidade humana, desde a infância até a velhice, desde o feminino até o masculino, do homossexual ao heterossexual, do materno ao paterno, do oral ao genital (passando pelo anal), do “ato” sexual à sublimação, da neurose à perversão, do masoquismo ao sadismo, e assim por diante – como demonstra Freud (1996q). É pacífica no pensamento freudiano a tese segundo a qual a sexualidade analisada pela pulsão sexual era toda ela plástica e não obedecia – como se acreditava entre a maioria dos cientistas contemporâneos de Freud – a nenhuma determinação fixa em relação a objetos e objetivos.

Nesse sentido, os objetos e os objetivos das pulsões eram de natureza variável. Como objeto, foi possível uma mulher ter outra mulher para a atividade da sexualidade. Como objetivo, foi possível que um homem sentisse prazer *per anum* (expressão usada por Freud nos *Três ensaios*) (1996q, p. 138) com outro homem. Nem o objeto nem o objetivo obedeciam, em princípio, a uma inclinação de fixidez. Entretanto, Freud não deixou de propor uma certa “fixidez” no que se referia às “fontes” das pulsões. As suas fontes eram erógenas, isto é, partes do corpo (boca, ânus, zona genital, entre outras) que evocavam organicamente o prazer. Mas esse prazer tornou-se importante apenas como fato psíquico, apesar de ser orgânico.

De Freud (1996q) veio a ideia de que a vida infantil foi investida de sexualidade. As pulsões sexuais estavam presentes desde os primeiros momentos da vida do infante, apoiando-se, inicialmente, nas funções vitais de comer e de defecar. Elas faziam com que o infante sentisse prazer na atividade oral e anal. Quando mamava, havia um investimento pulsional na boca em contato com o seio da mãe, que era uma *pulsão parcial* oral. Quando defecava, essa pulsão era anal. De modo evolucionista, encaminhou-se desta para a

genital, passando pela fálica (região das genitálias). Nesse caso, o prazer do infante ocorria nas regiões genitais dos meninos e das meninas. Freud sustentava que essa plasticidade era um acontecimento perverso-polimorfo, pois os objetos e os objetivos da sexualidade (da pulsão) eram os mais diversificados possíveis, sem prejuízo moral para a pessoa. A sexualidade infantil dos ditos “invertidos” provava a normalidade da mutabilidade pulsional.

Nesse sentido, a pulsão sexual era uma categoria que importava também para a análise da homossexualidade, na medida em que a sexualidade dos ou das iguais representava apenas uma contingência dos objetos e/ou dos objetivos. Porém, não havia no pensamento freudiano uma categoria propriamente denominada “pulsão homossexual”. Não se pode perder de vista, entretanto, que essa plasticidade, sendo plenamente libertária para a época de Freud, assentou-se sobre fontes somáticas do corpo orgânico. Desse modo, se for imaginada uma pulsão homossexual como hipótese, ela também partiria em Freud da organicidade do corpo – tal como a “libido homossexual” de Schreber, vista a seguir. Argumentar-se-á que a tese de uma homossexualidade com mediação orgânica não se sustenta mais.

Em 1910, com a publicação de *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*, surgiu a ideia de haver duas classes de pulsões: as sexuais e as de autoconservação (ou, pulsões do eu) (FREUD, 1996a). Um ano mais tarde, Freud publicou as *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, argumentando que a pulsão sexual obedecia a um princípio fundamental, qual seja: o prazer (1996f). Ainda em 1911, nas *Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (Dementia Paranoides)*, Freud analisou com a noção de “libido homossexual” a autobiografia de Daniel Paul Schreber, que foi um jurista alemão lotado no topo do sistema judiciário do seu país (1996h). A tese freudiana sustentou que Schreber havia vivenciado o recalque da libido homossexual, com a consequência da transformação dos seus desejos em sintomas paranoicos.

Em 1914, chegou ao público *Sobre o narcisismo: uma introdução*, novamente com a noção de libido homossexual (FREUD, 1996p). Aqui, o que importa destacar é que aquele dualismo inicial das pulsões (pulsões sexuais e pulsões do eu) não se sustentou mais. A concepção da libido já se tornara monista (havia apenas uma única libido), sendo uma energia sexual universal, mas Freud hesitou em postulá-la como pulsão. No narcisismo, uma mesma libido foi voltada para o eu e para os objetos sexuais, isto é, havia duas pulsões e uma libido. Na medida em que a pulsão sexual – que era uma espécie de

materialização da libido – investia o eu, desinvestia os objetos; e na medida em que investia os objetos, desinvestia o eu.

Assim, essa concepção deu suporte para Freud pensar a paranoia, que era um desinvestimento significativo da libido dos objetos para o seu depósito no eu, que perdia a ligação com o mundo externo e ficava submisso a uma sexualidade radical (sendo a dessexualização), por exemplo, a autobiografia de Schreber. Essa sexualidade radical, ou estado de não sexualidade, era a consequência, em determinados casos, da proibição da homossexualidade, que fazia retornar para o eu as pulsões investidas no objeto. A sexualidade homossexual era, em tese, possível fonte de sintomas – o que deve ser criticado – que ocorriam na contraposição de pulsões sexuais e proibições sociais. Essas proibições levavam as pulsões a desinvestir os objetos.

No texto *As pulsões e seus destinos*, de 1915, importa refletir sobre os elementos da pulsão e um dos seus destinos, que era a reversão a seu oposto no caso do *conteúdo* ser o amor ou o ódio (1996o). Ela foi composta basicamente por quatro elementos. A pressão era a força que impelia a pulsão; a finalidade era sempre a sua satisfação, eliminando o estado de estimulação na sua fonte da pulsão; o objeto era a coisa que permitia atingir a sua finalidade; e a fonte era o processo somático que ocorria no organismo do corpo.

Em relação à reversão do seu conteúdo, o primeiro argumento de Freud foi o de que o amor e o ódio recusavam a se ajustar no esquema das pulsões. Após afirmar que havia três contrários do amor (ódio, ser amado e indiferença), o autor parecia argumentar que primeiro vinha, cronologicamente, a indiferença em relação ao mundo externo, pela razão de que nada importava a não ser um amor que o indivíduo sentia por si. Em seguida, um ódio ao mundo externo, pois era fonte de desprazer. Por fim, quando o mundo externo se tornava prazeroso, chegava a vez desse mundo ser amado. Ora, justificou Freud, com isso, não se podia sustentar uma pulsão sexual que possuía em seu conteúdo o amor e o ódio, pois estes eram *relações do eu com o mundo externo* (relações de objeto).

O importante aqui é notar que Freud trabalhou tacitamente com uma hipótese linguística na medida em que a pulsão sexual não amava nem odiava o seu objeto; o eu, no entanto, amava ou odiava o seu objeto. Não possuir recursos teóricos para sustentar uma pulsão que tivesse o conteúdo de amor ou de ódio parecia incomodar Freud, que a deslocava para a relação que o *eu* mantinha com o mundo exterior. Talvez Freud não conseguisse resolver satisfatoriamente o problema pela razão de que a pulsão estivesse alocada no sexual, isto é, a categoria fazia parte dos pressupostos teóricos de autonomia

da sexualidade. O uso linguístico do “amor” e do “ódio” era uma resposta hesitante à hipótese de uma pulsão de amor e de ódio.

Deve ser assinalado que nos artigos seguintes, *O recalque* e *O inconsciente*, de 1915, houve coerentemente a ideia de que a pulsão sexual apresentava um “conteúdo”, embora não se tratasse mais da reversão a seu oposto (FREUD, 1996m, 1996k). Tratava-se do recalque propriamente dito e do conceito que o acompanhava, o inconsciente. Esse conteúdo da pulsão era a representação. A pulsão sexual, embora derivasse da organicidade do corpo, valia-se como *representante de representação*. A representação (ou conteúdo ideal) ficaria recalçada, permanecendo no inconsciente.

Nessa primeira teoria da pulsão sexual, está claro o recurso ao funcionalismo-organicismo, com a ideia de que as pulsões se fundavam em fontes somáticas do corpo (com um sentido biológico e/ou orgânico) e sucediam em representações psíquicas. Sinteticamente, ela seria um impulso de natureza orgânica que resultava numa variação de objeto e de objetivo, buscando sempre o prazer com investimentos alternados entre o *eu* (como objeto) e os objetos externos. Desse modo – pelo menos hipoteticamente –, supunha um componente homossexual quando a libido investia o próprio eu. Mas houve o problema que correspondia à dimensão linguística, pois o seu conteúdo não podia ser qualitativamente diferente da representação.

### **O pensamento freudiano: segunda teoria da pulsão**

Em 1920, ficou claro para Freud<sup>3</sup> que o princípio de prazer não explicava coerentemente as pulsões sexuais, pois estas não ocupavam mais um lugar de dualismo em relação às pulsões de conservação (ou pulsões do *eu*). Havia um outro fundamento da pulsão, entendeu o autor em *Além do princípio de prazer* (1996d), sendo a ocorrência da *coação à repetição* observada nas neuroses obsessivas que o orientou a especular a existência de um impulso universal à morte, fazendo parte, na vida humana, da natureza libidinal. Havia algo de conservador ou de demoníaco nas pulsões que era a coação à repetição, levando o organismo ao encontro com o inorgânico, no momento em que a repetição era a morte de tudo que vivia. Essa *pulsão de morte* não obedecia ao princípio de prazer pelo fato decisivo de não haver prazer em determinados sintomas neuróticos ou infantis ligados à morte, mesmo que ainda houvesse nestes algo de pulsional, que era a repetição.

---

<sup>3</sup> Continuamos a reconstruir o pensamento freudiano a partir de Gomes (2001), com o auxílio dos dicionários de Roudinesco e Plon (1998) e Laplanche e Pontalis (1998).

Importante para a reconstrução da pulsão foi *O eu e o isso*, publicado em 1923. Nesse texto, Freud reformulou a tópica anterior<sup>4</sup> sobre o inconsciente, reafirmando a categoria de “eu” e introduzindo as categorias de *isso* e de *supereu* (FREUD, 1996j); mais tarde, daremos a esta última categoria, o *Über-Ich*, a tradução de “sobre-eu”. O *eu* era, nessa tese, uma superfície corporal inconsciente na interseção com o *isso*. O *isso* era o depósito da libido, que se transformava nas pulsões sexuais, sendo recalçadas pelo *eu*. Surgiu, porém, um precipitado do *eu*, que era o *supereu* (*sobre-eu*). Este era o responsável por identificar o *eu* à situação triangular do complexo de Édipo e à bissexualidade constitucional de cada indivíduo. Derivava das identificações inconscientes que o *isso* mantinha com a situação desse complexo, cristalizando no *eu* a proibição paterna em relação ao sentimento amoroso pela mãe. Era, portanto, o herdeiro do complexo de Édipo. Freud também se deteve, nesse texto, nas duas classes de pulsões sexuais, sendo elas o amor e o ódio, as pulsões de vida e as pulsões de morte.

Por sua vez, *O mal-estar na cultura*, de 1930, desenvolveu a ideia do dualismo entre as pulsões de vida e as pulsões de morte (FREUD, 1996l). O importante nesse texto foi o seu poder de síntese, contendo uma formulação consistente da teoria psicanalítica da época. A tese central sustentou que na cultura se desenvolvia o avanço na mesma proporção do retrocesso, um movimento disputado por Eros (pulsões de vida) e pela destruição (pulsões de morte). O trabalho civilizatório foi acompanhado pela construção cultural, mas também por um inevitável sentimento de culpa, pois o controle sobre as pulsões de destruição implicava a introjeção dessas pulsões no *eu*, formando o *supereu*.

A pulsão sexual constituiu uma dificuldade para operar a análise do corpo. Ela era problemática nas suas inter-relações teóricas que sustentavam a autonomia da sexualidade. Em 1933, Freud afirmou que a “teoria das pulsões é, por assim dizer, nossa mitologia”, sendo “entidades míticas, magníficas em sua imprecisão”, completando que “não podemos desprezá-las, nem por um só momento, de vez que nunca estamos seguros de as estarmos vendo claramente” (FREUD, 1996i, p. 98).

Como formulado anteriormente, a primeira teoria da pulsão sexual não foi inteiramente contraditória com a segunda teoria, que introduziu um novo dualismo pulsional: as pulsões de vida e as pulsões de morte. Além dessas duas

---

<sup>4</sup> Há a interpretação tradicional de que o pensamento freudiano é composto por duas tópicas. A primeira é inaugurada com *A interpretação dos sonhos*, e é construída com os conceitos de inconsciente, pré-consciente e consciente. A segunda é inaugurada com o livro citado no texto. Ver Roudinesco e Plon (1998, p. 755-756) e Laplanche e Pontalis (1998, p. 505-509).

pulsões, a categoria abarcou uma noção fundamental para sua compreensão, qual seja, a *coação à repetição*. Devolvendo o orgânico ao inorgânico, a repetição demoníaca da morte emergiu-se como pulsão, sendo contrabalançada com a vida como pulsão.

Se o conteúdo da pulsão era interpretado como representacional e advinha do *isso* como energia libidinal, investindo tanto o *eu* quanto os objetos e havendo um precipitado de lei que era o *supereu* (*sobre-eu*), então a segunda tópica explicava plausivelmente o modo como a pulsão servia para analisar o corpo. Mas, aqui, ainda era a autonomia da sexualidade diante da *natureza* e da *cultura*, mesmo que fizesse uso delas. Em relação à *sociedade* e ao *indivíduo*, o *eu* (individual) era uma superfície corporal em interseção com o *isso* e o *supereu*, que era a interdição social introjetada no *eu*. As pulsões sexuais funcionavam na passagem do *isso* ao *eu*, interditadas pelo *supereu*.

O que estava em questão entre o indivíduo e a sociedade era o seguinte: “o conflito *no* sujeito entre o registro da pulsão e o registro da civilização” (BIRMAN, 1998, p. 129). Esse conflito foi “resolvido” de modo diferente em duas versões do discurso freudiano, as quais se ajustavam à divisão, proposta por Gomes (2001), entre as duas teorias. Birman (1998) sustenta que na primeira versão do discurso de Freud houve uma tentativa de harmonizar o sujeito da pulsão com a sociedade, enquanto que na segunda houve um desequilíbrio entre esses dois, que seriam irreconciliáveis. Assim, nessa última versão, o indivíduo esteve descentrado de seu poder de equilíbrio social.

É digno de nota que Freud tentou acoplar a teoria das pulsões com a segunda tópica, servindo para a nossa construção da pulsão social: “É natural que voltemos a indagar com interesse se não poderia haver vinculações instrutivas a serem traçadas entre, de um lado, as estruturas que presumimos existir – o eu, o supereu e o *isso* – e, de outro, as duas classes de instintos” (FREUD, 1996j, p. 55). As duas classes de pulsões foram as de vida e as de morte, e o esquema da segunda tópica serviu para analisar a movimentação dessas pulsões no corpo. Porém, nesse caso, ainda se tratava do corpo minimamente orgânico. O pensamento freudiano é interpretado como uma *psicanálise do isso*, pois essa categoria era central para a pulsão.

Como veremos adiante, a pulsão não está numa relação de antagonismo com a sociedade – como se esta fosse conciliável ou inconciliável com aquela –, mas numa relação conjunta, pois a *pulsão é social*. Nesses termos, torna-se contraditório, atualmente, propor uma pulsão que não seja *social*, isto é, impulsionada pelas sociedades.



## **A psicologia do eu e a psicologia do self versus a psicanálise do isso estruturalista**

Entre as décadas de 1930 e 1960, a *psicanálise do isso* transformou-se, nos países anglófonos, em duas outras vertentes: a *psicologia do eu* e a *psicologia do self* (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 169-171, p. 699-700). Diante disso, a pulsão sexual teve uma reformulação epistemológica. Em síntese, o que essas duas vertentes do pensamento pós-freudiano propuseram foi o retorno da integração equilibrada entre o indivíduo e a sociedade, valorizando as categorias de *ego* (tradução anglófona da palavra alemã *Ich*, que é “eu” em português) em detrimento do *isso* e do *inconsciente*. O que se pretendia era a autonomização do *eu* frente ao *isso* para que fortalecesse e controlasse as pulsões primitivas, em particular as pulsões de morte; em relação ao meio ambiente ou ambiente externo, a pretensão foi assegurar o seu controle pelo *eu*. No que se refere à relação entre *natureza* e *cultura*, idealizava-se basicamente que aquelas pulsões ainda se encontrassem no nível do paradigma do funcionalismo-organicismo. Portanto, elas vinham do organismo, mas a função agora não representava algo no psiquismo. O foco incidia no controle do *eu*, que se valia dos padrões culturais para tal tarefa (sublimação).

Na modalidade da *psicologia do self*, analisava-se o *self* (o si mesmo), que se constituía como uma instância da personalidade posterior ao advento do *eu*. Centrou-se na análise do narcisismo para estabelecer a observação clínica de algo que havia sido perdido, a saber, a relação de si para si. Na modalidade da *psicologia do eu*, entendemos como particularmente importante o trabalho de Ives Hendrick (1942, 1943a, 1943b) – analisado também numa outra oportunidade (FRANCISCO, 2008) – para a reformulação da categoria de pulsão sexual.

Hendrick apresentou a ideia de que a pulsão, em princípio, não era sexual. Ela não deixava, no entanto, de visar o prazer, mas apenas na medida em que se relacionava com o *eu* e o meio ambiente. A função do *eu* – ainda orgânica – objetivava fazer e aprender como fazer, no sentido de dominar o mundo externo. A libido sexual derivava dessa necessidade de controlar o ambiente. Essa categoria chamava-se *pulsão de dominação*, primariamente biológica no ser humano, isto é, no que se referia à natureza, a biologia a fundamentava. Nesses procedimentos que o *eu* implementava para dominar o ambiente estava a *coação à repetição*, que lhe garantia o exercício repetitivo do desempenho de dominar. Se houvesse um comportamento compulsivo, devia-se à inabilidade do *eu* de exercitar proficientemente uma função.

Por isso, na medida em que a função do *eu* de dominar determinado ambiente externo se sucedia bem, a repetição coativa diluía. O autor ainda operava com a categoria de pulsão, utilizando a noção de trabalho. Além do princípio de prazer e do princípio de realidade, havia o princípio de trabalho, localizado no *eu*, representando o exercício maduro de suas funções; a coação à repetição evidenciava que o *eu* não havia operado adequadamente a pulsão de dominação do meio ambiente.

Da década de 1960 em diante, acrescentou-se à trajetória do pensamento pós-freudiano um retorno à *psicanálise do isso*, não mais segundo o paradigma funcionalista-organicista, mas pelo estruturalista, promovido por Lacan (1979). Esse retorno implicou, dessa maneira, uma reformulação epistemológica que alcançou a categoria de pulsão sexual. Lacan fundamentou a já autonomizada sexualidade<sup>5</sup> com o estruturalismo linguístico e simbólico. Do linguista Ferdinand de Saussure (1997), utilizou a ideia do signo na equação do significado/significante e a ideia do inconsciente estruturado como uma linguagem; do antropólogo Claude Lévi-Strauss (2003), fez uso da ideia do simbólico e da ideia da universalidade do complexo de Édipo, isto é, da universalidade da proibição do incesto (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 445-453).

Nesse contexto, a relação entre a natureza e a cultura se reformulou a partir da estrutura. Assim, esta representou uma passagem do natural – uma certa “falta” inerente ao ser humano – à cultura – uma resposta estruturada em termos simbólicos para tentar inutilmente suprir essa falta. Para o pensamento estruturalista de Lacan (1979), o indivíduo perdeu relativamente a sua autonomia em relação à sociedade, pois esta incorporava a linguagem simbólica que aquele se servia inconscientemente para superar a falta. O indivíduo continuava, assim, descentrado de seu poder de equilíbrio social – como na segunda teoria do pensamento freudiano –, na medida em que a estrutura simbólica (do Outro), isto é, a sociedade, nunca lhe daria uma resposta satisfatória à falta. A falta era impossível de ser satisfeita pelo indivíduo – que ficava numa posição de “vulnerabilidade” –, pois a linguagem se estruturava apenas no seu entorno, sem, contudo, preenchê-la.

A discussão lacaniana da pulsão sexual se baseou também numa tópica, cuja produção teórica mais recente formulou o seguinte enlaçamento: o real, o simbólico e o imaginário. Um dos principais textos foi *O Seminário – Livro 11 – Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, que considerava

---

<sup>5</sup> A autonomização já estava concluída nesta época, graças ao pensamento pós-freudiano das vertentes psicológicas até então vigentes. Lacan posicionou-se contra elas.

a categoria de pulsão como fundamental, ao lado da categoria de inconsciente, de repetição e de transferência, articulando-as todas (LACAN, 1979). Com um fundamento estrutural, Lacan passou em revista cada uma delas, com a seguinte elaboração: *o inconsciente foi estruturado como uma linguagem* em torno de uma falta que se repetia como uma força constante, impulsionando a pulsão para a impossibilidade de satisfação, ou seja, para um encontro impossível com seu objeto. Essa estrutura linguística e inconsciente funcionava por uma rede de significantes que se referiam ao sujeito, sendo propriamente uma repetição em ato que, afinal, valia-se da estrutura: “um ato, um verdadeiro ato, tem sempre uma parte de estrutura” (LACAN, 1979, p. 52). Eis o real de Lacan, traumático, pois se tratava da repetição do ato fundamentado sobre uma falta constitucional do sujeito. Havia um real que jamais seria simbolizado. Do “real”, Lacan voltou-se à pulsão:

O lugar do real, que vai do trauma à fantasia – na medida em que a fantasia nunca é mais do que a tela que dissimula algo de absolutamente primeiro, de determinante na função da repetição [...] essa realidade não é pouca, pois o que nos desperta é a outra realidade escondida por trás da falta do que tem lugar de representação – é o *Trieb*, nos diz Freud (LACAN, 1979, p. 61).

O *Trieb*, que é a *pulsão* em alemão. Mas, antes de falar da pulsão sexual, Lacan desenvolveu seu argumento a respeito da transferência, que era um encontro faltoso de um local clínico, uma práxis elaborada em torno da repetição analítica. A rede de significantes compondo um Outro que se referia ao sujeito, repetidamente, aparecia para o psicanalista numa dimensão de amor, de desejo. O profissional recompunha, então, a história dos significantes que estavam num nível inconsciente, repetitivo, e relacionado à sexualidade. Esta última era, afinal, a realidade do inconsciente, que se fechava na transferência, segundo Lacan. Aqui, o autor apontou para o que se desenrolava da transferência, que era a pulsão. Ele empreendeu uma desmontagem da pulsão. Para isso, reconstruiu o texto freudiano supracitado *As pulsões e seus destinos* (FREUD, 1996o).

Com efeito, as propostas estruturalistas de Lacan foram importantes para o pensamento pós-freudiano dos anos 1960 em diante. Antes disso, havia um certo engessamento do pensamento pós-freudiano das vertentes *psicologia do eu* e *psicologia do self*. O pensamento francês construiu, assim, a psicanálise em seu paradigma estruturalista, de volta à *psicanálise do isso*, apresentando, no que tange à categoria de pulsão sexual, uma formulação engenhosa. O funcionalismo-organicismo de Freud foi deslocado para um

estruturalismo, cujo peso sobre o sujeito derivava do real, que não era meramente da ordem da natureza (organismo), nem da ordem da cultura. Era da ordem da sexualidade. A falta, que era real, no entorno da qual se estruturava o significante que preenchia parcialmente a pulsão sexual. O sujeito estava à procura, à busca, portanto, de algo que nunca encontraria, mas se valia do Outro, do simbólico, para encontrá-lo apenas na ilusão, na fantasia, ou no imaginário.

A importância do pensamento pós-freudiano de Lacan está sendo reconstruída noutro pensamento pós-freudiano, cuja alusão se deve a Butler.

### **Judith Butler e a categoria de pulsão sexual**

Pirskanen (2008) está revendo a categoria de real na teorização de Butler e de Lacan. No que tange à diferença entre esses dois autores proposta pela autora, entendemos que, enquanto para Lacan a categoria é relativa a uma ontologia da falta que se estrutura simbolicamente sobre o vazio que essa falta representa, para Butler o real não adquire estatuto de primazia em relação ao simbólico e, portanto, não pode ser teorizado como uma categoria estrutural a-histórica. É como se, para Lacan, o real viesse antes do simbólico como uma falta, para Butler, como se a “falta” existisse apenas como consequência do simbólico.

É nesse sentido contextual que compreendemos o que a categoria de pulsão representa para Butler: “Não há um eu já feito, equipado com suas próprias pulsões internas, na medida em que sua interioridade é formada na relação com o seu ambiente. Assim, o inconsciente de um sujeito não é seu próprio inconsciente, pois nasce na relação com os outros” (PIRSKANEN, 2008, p. 3). Ou seja, de acordo com as consequências desse pensamento, não há ontologicamente pulsões que sejam representadas simbolicamente em torno de uma falta “real”, na medida em que apenas o simbólico possibilita ao real tornar-se o que vem a ser.

Butler situa-se no pensamento pós-freudiano do paradigma pós-estruturalista, isto é, enfatiza a crítica da estrutura lacaniana. Do ponto de vista da relação entre *natureza* e *cultura*, o pensamento de Butler entende que a cultura não se constrói simplesmente sobre uma natureza dada, pois é tão determinada ontologicamente quanto esta última. A natureza não é o “antes”, ou seja, a matéria neutra sobre a qual a cultura empresta significação. Esta é tão construída quanto aquela no processo de performatividade, que é a ação pela qual os sujeitos vêm a ser segundo atos de fala que os constroem.

Se a natureza era, para Freud, da ordem (funcional) orgânica, representada culturalmente no psiquismo, para Lacan, da ordem (estrutural) real, simbolizada culturalmente na linguagem, para Butler, ela é da ordem performativa, construída culturalmente nas relações de poder. No que se refere à relação entre indivíduo e sociedade, ainda é da ordem do descentramento – como em Freud (segunda teoria) –, mas agora por meio de uma produção social que garante uma certa autonomia ao indivíduo, na medida em que a ação pode modificar a realidade sem o limite intransponível da estrutura.

Apesar de Butler tematizar a “pulsão” em *Undoing gender* (2004), de acordo com Knudsen (2007), o germe dessa categoria já está satisfatoriamente constituído em dois trabalhos precedentes (BUTLER, 1993, 1999, 2003). O pensamento de Butler em *Undoing gender* é oriundo, a nosso ver, dos pensamentos freudiano e pós-freudiano centrados num certo funcionalismo-organicismo. Como o corpo funcional e orgânico já foi criticado nesses trabalhos precedentes à *Undoing gender* (2004), fundamentados no paradigma pós-estruturalista, estamos convencidos de que essas bases são mais importantes para a categoria.

Talvez Butler não nos autorizasse afirmar que há uma categoria de *pulsão social* em seu pensamento, o que, com efeito, já poderia ser previsto na entrevista que Knudsen fez com a autora: “A pulsão nunca é plenamente capturada pelas ideias, nem tampouco é plenamente redutível a um corpo biológico, mas existe no ponto de sobreposição entre eles” (KNUDSEN, 2010, p. 166). Butler nos esclarece, nesse sentido, sobre a autonomização da sexualidade assumida do pensamento freudiano: “Se a ‘pulsão’ é a convergência da cultura e da biologia, parece que a ‘pulsão’ guarda a possibilidade de uma troca produtiva entre aqueles que falam em nome do corpo e aqueles que falam em nome da cultura” (BUTLER, 2004, p. 202 *apud* KNUDSEN, 2007, p. 122). E Knudsen conclui: “O termo ‘pulsão’ contribui com a ideia de se pensar a sexualidade como algo distinto da biologia e da cultura, ao mesmo tempo fundando um campo outro, que permite tematizar aquilo que não é apreensível pela linguagem” (KNUDSEN, 2007, p. 122).

Desse modo, Butler parece construir a pulsão sexual em *Undoing gender* (2004) com aquilo que, outrora (BUTLER, 2003, 1993), criticou com uma de suas lições básicas: “Já está claro que colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária são eficazmente asseguradas” (BUTLER, 2003, p. 25).

Repetimos de um modo diferente: já está claro que colocar a dualidade da pulsão (*natureza versus cultura*) num domínio pré-discursivo – aquilo que

não é apreensível pela linguagem – é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária são eficazmente asseguradas, isto é, a “pulsão natureza” e a “pulsão cultura” se conjugam na “sexualidade” autonomamente interna. Afinal, não há mesmo um quê de “biologia” na pulsão, de acordo com a Butler de *Undoing gender* (2004), sendo a “cultura” um dado dependente da sexualidade tanto quanto aquela?

A nosso ver, as bases do pensamento butleriano (BUTLER, 2003, 1993) dizem que não. Nos dois trabalhos da autora, supracitados, há a seguinte ideia: tendo em vista a categoria de gênero, Butler assinala que a identidade se fixa no que vem a ser “os sujeitos” graças à reiteração das injunções de normas sociais que regulam o “sexo”, por meio de um trabalho performativo responsável por atribuir às construções sociais relacionadas ao sexo, ao gênero e ao desejo, o estatuto de ontologia. Isso quer dizer que o ato de linguagem performativo interpela a emergência subjetiva com a identificação das ontologias sociais. Essa identificação é uma coação (social) à repetição (simbólica). Exemplo: designar repetitivamente de “menina” a pessoa, por seus atributos “biológicos”, é coagi-la a se identificar com tal ontologia/biologia, construindo, de acordo com esta, o sexo/gênero/desejo da menina. Tanto o biológico quanto o cultural predefinidos do “corpo” são a repetição de uma ontologia que tenta apagar-se como ontologia, dando um semblante de *natural* às construções sociais.

É a performatividade que materializa a identidade dos sujeitos. Mas é um processo de materialização que leva em conta uma exclusão do que a identidade não é, isto é, a identidade se funda com uma certa exclusão do campo abjeto – que se integra na própria identidade. Ser “mulher” exclui, em primeiro lugar, o ser “homem”; em seguida, exclui o ser “mulher” (feminina e heterossexual) que desvia da norma do que lhe é socialmente atribuído em termos de sexo, de gênero e de desejo – “mulher” é para gostar de “homem”. Dessa maneira, não está na previsão legítima da identidade que a mulher ame sexualmente uma mulher. Se isso ocorrer, essa nova identidade “mulher” será excluída como tal num primeiro momento. Mas, ao mesmo tempo, está na previsão ilegítima da identidade a sua própria afirmação, que, por força social da repetição, passa com o tempo a ser legítima.

Um exemplo ilustra esse processo: o romance *As horas*, publicado em 1998 por Michael Cunningham, narra a história de três mulheres, cada uma delas numa geração diferente, que vai da primeira parte do século XX ao final deste. Enquanto as mulheres das duas primeiras gerações experimentam a homossexualidade com conflitos identitários, a mulher da geração mais recente a experimenta com legitimação.

O discurso que se baseia nas noções pré-sociais de sexo, gênero e desejo, de que as coisas são dadas de antemão e servem para serem vividas tais como são, cristaliza esse “pré-social” como se fosse a própria ontologia. Isso porque a dimensão de constatação das coisas do mundo é experimentada como se fosse produto acabado, já feito e eternizado, com a justificativa (tautológica) de que assim é. Perde-se de vista, portanto, com a coação social à repetição dos atos performativos, um elemento simbólico não contabilizado na equação subjetiva, a saber, que a constatação é um efeito de atribuição de sentido no que vem a ser constatado. Isso faz parte de um processo, sendo essas “constatações” sempre num nível simbólico de exclusão de identidades não inteligíveis, que não são compreensíveis socialmente e, assim, caem na identidade dos excluídos.

Em termos de pulsão sexual – e aqui é uma interpretação possível do que decorre do pensamento pós-freudiano do paradigma pós-estruturalista de Butler (2003, 1993) –, a sua dependência em relação a uma função orgânica do psiquismo ou a uma falta real na estrutura equivale a uma coação à repetição das ontologias cognitivas. A bem da crítica, uma coação social. Se o sexo/gênero/desejo nem é culturalmente “natural”, nem é naturalmente “cultural”, ele é uma identificação material com um pré-social que constrói performativamente a identidade, mas sem que se mostre como tal. Mostra-se como ontologia, no sentido de algo acabado e inalterável. Assim é para a pulsão sexual. O pensamento pós-freudiano de Butler é uma *socioantropologia do sobre-eu* pós-estrutural e construcionista crítica.

O *sobre-eu* é uma tradução dissidente da categoria freudiana *Über-Ich* (palavra alemã), que é mais conhecida no português como superego ou supereu. A ideia de uma socioantropologia do *Über-Ich* (sobre-eu) vem do artigo de Jacques Bril (1987) intitulado *Pour une anthropologie du surmoi* (Por uma antropologia do sobre-eu), publicado na *Revista Francesa de Psicanálise*, no seu número 06, de 1987. Nesse artigo, o autor expõe a teoria segundo a qual há no pensamento freudiano uma antropologia que permite indagar sobre a origem social dos constrangimentos. Segundo Bril, há uma ideia desconcertante de que no interior do aparelho psíquico geram-se demandas como um fenômeno coletivo, constituindo uma infraestrutura ideológica das culturas. Embora utilize o argumento de que existam impulsos a serem interditados socialmente – lembremos que Foucault (1988) entendeu que o discurso que interdita o sexo incentiva-o, produzindo poder –, a proposta de Bril é importante para pensar que a pulsão sexual é um efeito social.

## **A socioantropologia do sobre-eu**

Por que a *psicanálise do isso*, a *psicologia do eu*, a *psicologia do self* ou o retorno estrutural da *psicanálise do isso* não se detiveram com a categoria de pulsão homossexual? Em Freud, há uma “libido homossexual” relacionada principalmente ao estudo sobre a paranoia de Schreber. Em Lacan, parece haver a ocorrência da ideia de uma “pulsão homossexual”, mas, tal como em Freud, associada à psicose. Para o pensamento freudiano e pós-freudiano estruturalista, a pulsão é um fenômeno anterior aos posicionamentos sexuais propriamente ditos, como seria o caso da homossexualidade. Para Freud, a pulsão é orgânica e representa uma função; para Lacan, é estrutural e simboliza uma falta. Ambos os pensadores localizam a categoria numa certa ontologia do corpo. Não há, portanto, uma preocupação com esta, uma vez que o sexual é ontologizado. O que é homossexual seria, assim, posterior ao sexual, a esse “dado” supostamente neutro.

Entretanto, sabemos atualmente, por meio de Butler, que o sexual não é nem ontológico, nem tampouco anterior à homossexualidade, pois ambas – a heterossexualidade e a homossexualidade – se definem concomitantemente e segundo uma mutualidade simbólica, numa performatividade que resulta na aparência de ontologia. O *sexual* da pulsão está nesse mesmo nível e, dessa maneira, não pode ser nem ontológico nem anterior ao homossexual. A pulsão também é socialmente homossexual, não apenas porque existem pessoas que se relacionam com pessoas do mesmo sexo, mas principalmente porque há no espaço social uma repetição simbólica e prática que se chama homossexualidade. Tanto o funcionalismo-organicismo como o estruturalismo se baseiam numa ontologia que não é propriamente a causa da pulsão, mas sim o seu efeito. A ontologia social é, portanto, uma consequência da pulsão, que contém o sexual apenas porque a repetição simbólica é uma coação social do “sexual”.

Se a repetição é social – a repetição não é sexual, num sentido psicanaliticamente ontológico –, a pulsão vem concomitantemente ao simbólico sexual, *hegemonicamente heterossexual*. É esse simbólico que se repete socialmente numa coação que interpela os sujeitos. Esse é o trabalho da performatividade. Como o homossexual é concomitante ao sexual, sabe-se, atualmente, que é plenamente possível teorizar sobre ambos. Se o homossexual é coagido socialmente a se repetir como uma espécie de exclusão abjeta, sendo este o “real” para Butler, então a chave do argumento não está no corpo orgânico, funcional ou estrutural, mas sim na materialização do corpo por meio da performatividade, que é sempre um efeito da *pulsão social*.



É nesse sentido que se torna possível pensar numa *socioantropologia do sobre-eu*, pois nem o *isso* nem o *eu* são “causas” lógicas e epistemológicas da pulsão e da sexualidade, que são, no fundo, efeitos do *sobre-eu*. Apesar de Butler não ser simpática com a tópica freudiana (isso, eu e sobre-eu) e lacaniana (real, simbólico e imaginário), o seu pensamento permite teorizar uma tópica social, na qual as pulsões são performatividades sobrevividas à coação à repetição simbólica, isto é, o *sobre-eu* é a palavra que melhor designa esse processo performativo da formação da identidade do *eu* e, por consequência, da sua marca ideológica, que é o espaço do *isso*, contendo a materialidade social inconsciente. Mas alerta-se: essa tópica da *socioantropologia do sobre-eu* não deve ser entendida como uma nova ontologia, e sua proposta é apenas uma hipótese – pois o *sobre-eu* existe apenas como efeito performativo da materialidade simbólica.

Concluindo, a categoria de pulsão social é importante para a análise corpo. Não é com a pulsão *sexual* hegemônica, isto é, a pulsão heterossexual ou a “pulsão neutra”, do “corpo neutro”, que sucederá uma análise crítica do corpo sexual. Apenas com a pulsão social dimensionada para além das referências orgânicas e/ou estruturais se torna possível analisar o corpo dos desejos e satisfações homossexuais, pois este não é uma ontologia dependente das forças orgânicas representadas por uma função psíquica, nem tampouco dependente das forças impulsionadas por uma falta na estrutura.

No caso da pulsão homossexual, importa como categoria de análise justamente porque a categoria de pulsão sexual construída nos paradigmas orgânicos e/ou estruturais perdeu eficácia para analisar o corpo. A categoria em foco permite desvencilhar-se do simbólico dominante que atualiza o sexual (heterossexual) em nome do homossexual, com o prejuízo de que a análise gay ou lésbica utilize padrões canônicos de divisão sexual e conformidade subjetiva às práticas heterossexuais. Desse modo, a pulsão homossexual não é apartada da sexualidade, pois a pulsão é geral num sentido de repetição social. O foco da análise está na repetição social e suas consequências de legitimação das identidades.

Talvez hoje não seja mais possível pensar numa repetição puramente “abjeta” na prática quando se trata de identidades homossexuais, transexuais, transgêneros etc., na medida em que a força de exclusão (que é, na mesma medida, força de inclusão) acaba incorporando na identidade aquilo que ela não é, e com legitimidade. Nesse sentido, se há realmente uma incorporação, que seja respeitada nas esferas que Honneth (2003) estudou para fundamentar a luta por reconhecimento. Que haja respeito no amor, no direito e na solidariedade das identidades pulsionais.

## Referências

- BIRMAN, Joel. O mal-estar na modernidade e a psicanálise: a psicanálise à prova do social. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, jun. 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- BRIL, Jacques. Pour une anthropologie du surmoi. *Revue Française de Psychanalyse*. Paris, n. 6, 1987.
- BUTLER, Judith. *Bodies that matter: on the discursive limits of "sex"*. New York: Routledge, 1993.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p.151-172.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. *Undoing gender*. New York; London: Routledge, 2004.
- COTTI, Patrícia. Freud and the sexual drive before 1905: from hesitation to adoption. *History of the Human Sciences*, Los Angeles, London, New Delhi and Singapore, v. 21, n. 3, p. 26-44, 2008.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- FRANCISCO, Augusto César. *O amor em mal-estar: a insustentável leveza da domideologia*. Rio de Janeiro: Booklink, 2008.
- FREUD, Sigmund. A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão. In: OBRAS Psicológicas Completas de Sigmund Freud: edição *standard* brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. 11.
- FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (I). In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Imago, 1996b. v. 4.
- FREUD, Sigmund. A interpretação dos sonhos (II). In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Imago, 1996c. v. 5.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Imago, 1996d. v. 18.
- FREUD, Sigmund. As psiconeuroses de defesa. In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Imago, 1996e. v. 3.
- FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Imago, 1996f. v. 12.
- FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Imago, 1996g. v. 3.

- FREUD, Sigmund. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Imago, 1996h. v. 12.
- FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Imago, 1996i. v. 22.
- FREUD, Sigmund. O ego e o id. In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Imago, 1996j. v. 19.
- FREUD, Sigmund. O inconsciente. In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Imago, 1996k. v. 24.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Imago, 1996l. v. 21.
- FREUD, Sigmund. O recalque. In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Imago, 1996m. v. 14.
- FREUD, Sigmund. Os chistes e a sua relação com o inconsciente. In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Imago, 1996n. v. 8.
- FREUD, Sigmund. Os instintos e suas vicissitudes. In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Imago, 1996o. v. 14.
- FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Imago, 1996p. v. 14.
- FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Imago, 1996q. v. 7.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GOMES, Gilberto. Os dois conceitos freudianos de Trieb. *Psicologia: teoria e pesquisa*. Brasília, v. 17, n. 3, p. 249-255, set./dez. 2001.
- HENDRICK, Ives. Instinct and the ego during infancy. *Psychoanalytic Quarterly*, p. 33-58, 1942.
- HENDRICK, Ives. The discussion of the “instinct to master”. *Psychoanalytic Quarterly*, p. 561-565, 1943a.
- HENDRICK, Ives. Work and the pleasure principle. *Psychoanalytic Quarterly*, p. 311-329, 1943b.
- HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- KNUDSEN, Patrícia. *Gênero, psicanálise e Judith Butler: do transexualismo à política*. 2007. 153f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- KNUDSEN, Patrícia. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 161-170, jan./abr. 2010.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- LACAN, Jacques. *O Seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. São Paulo: Jorge Zahar, 1979.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MENDONÇA, André; VIDEIRA, Antonio. Progresso científico e incomensurabilidade em Thomas Kuhn. *Scientiae Studia*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 169-183, jun. 2007.

PIRSKANEN, Jaana. The other and the real: how does Judith Butler's theorizing of the subject and contingency differ from the new Lacanian thought? *SQS*, Helsinki, v. 3, n. 1, p. 1-14, 2008.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas: estudos gays: gêneros e sexualidades*, Natal, v. 4, n. 5, p. 17-44, jan./jun. 2010.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1997.

SCAVONE, Lucila. Estudos de gênero: uma sociologia feminista? *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 173-186, 2008.

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analysis. *The American Historical Review*, v. 91, n. 5, p. 1053-1075, dez. 1986.

SOUSA FILHO, Alípio. Por uma teoria construcionista crítica. *Bagoas: estudos gays: gêneros e sexualidades*, Natal, v. 1, n. 1, p. 27-59, jul./dez. 2007a.

SOUSA FILHO, Alípio. A resposta gay. In: BARROS JÚNIOR, Francisco; LIMA, Solimar (Org.). *Homossexualidades sem fronteiras: olhares*. Rio de Janeiro: BookLink, 2007b. p. 11-35.